

Aspectos do comércio ilegal de pássaros silvestres na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil

Taciana P. GAMA¹
Roberto SASSI²

Resumo

O comércio ilegal de aves e animais silvestres, seja para fins de criação, medicina popular ou confecção de peças de artesanato, exerce um efeito expressivo sobre a fauna e a diversidade em geral. A comercialização de pássaros na cidade de João Pessoa é uma atividade tradicional que ocorre preferencialmente nos mercados públicos para fins de criação. Embora comercializados na capital os pássaros são trazidos de várias partes do estado e às vezes de outros estados. O presente estudo visa a obtenção de dados sobre o processo de comercialização de pássaros silvestres em João Pessoa, considerando as formas de captura, de manutenção e de venda das espécies, obtidos junto aos “passarinheiros”, e, ao mesmo tempo, a elaboração de um catálogo de reconhecimento visual das espécies comercializadas na capital. Um total de 20 espécies nativas foi observado sendo vendidas nas feiras livres da capital, das quais 4 são consideradas ameaçadas (segundo o CEMAVE) e 1 é considerada vulnerável (IBAMA). O preço dos pássaros em João Pessoa varia de R\$ 2,00 a R\$ 250,00, dependendo da idade, da espécie e do grau de domesticação do exemplar. Esta atividade é realizada preferencialmente por homens como complemento financeiro, uma vez que a maioria deles possui um emprego fixo.

PALAVRAS-CHAVE: aves nativas, comercialização de pássaros silvestres, tráfico de animais silvestres, passarinheiros.

Abstract

ILLEGAL WILD BIRD TRADE IN THE CITY OF JOÃO PESSOA, PARAÍBA, BRAZIL. The illegal commerce of wild birds, for breeding, popular medicine or the confection of workmanship, exerts an expressive effect on the fauna and diversity in general. The commerce of birds in the city of João Pessoa is a traditional activity that occurs mostly in public markets with the aim of breeding. Birds commercialized in the city come from all over the state and even from other states. This study obtains data on the commercialization process of native birds in João Pessoa, considering methods of capture, maintenance and selling of species, obtained from “bird-men”. At the same time, we produce a catalogue for the visual recognition of the species commercialized in our capital. A total of 20 native species were observed being sold in open markets of the capital, of which four are considered threatened (according to CEMAVE) and one is considered vulnerable (IBAMA). The price of birds in João Pessoa varies from R\$2,00 to R\$250,00, depending on age, species, and degree of domestication of the specimen. This activity is conducted preferentially by men who wish to complement their financial earnings, as most of these men have permanent jobs.

KEY WORDS: wilderness birds, trade of wilderness birds, traffic of wilderness animals,

1 DSE/UFPB. Av. Camilo de Holanda nº 1075, Torre, João Pessoa PB, 58040-340, Paraíba, Brasil. dona_lua@gmail.com

2 Departamento de Sistemática e Ecologia/NEPREMAR. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 59049-900, Paraíba, Brasil. sassi_rs@yahoo.com.br

O corrupção

*Escaveirado corrupção Idiota,
Olha a atmosfera livre, o amplo éter belo,
E a alga criptógama e a úsnea e o cogumelo,
Que do fundo do chão todo ano brota!*

*Mas a ânsia de alto voar, de à antiga rota
Voar, não tens mais! E pois, preto e amarelo,
Pões-te a assobiar, bruto, sem cerebello
A gargalhada da última derrota!*

*A gaiola aboliu tua vontade.
Tu nunca mais verás a liberdade!..
Ah! Tu somente ainda és igual a mim.*

*Continua a comer teu milho alpiste.
Foi este mundo que me fez tão triste,
Foi a gaiola que te pôs assim!*

Augusto dos Anjos (Eu, 1912)

Introdução

O tráfico de animais silvestres, em especial de aves em todo o mundo, consiste em uma atividade que movimenta quantias estimadas entre 10 e 20 bilhões de dólares por ano (Webster **apud** Giovanini, 2002; Giovanini, 2002), sendo o Brasil responsável por aproximadamente 5 a 15% deste número (Rocha, 1995; Lopes 2000). Esta atividade, que já remonta a épocas distantes quando viajantes e naturalistas empenhavam-se em levar espécimes exóticos, de preferência vivos, para a Europa, durante a época colonial (Sick, 2001), tornou-se algo tradicional em muitos países considerados subdesenvolvidos até os dias de hoje, onde, por falta de condições existe uma parcela significativa da sociedade que sobrevive desta atividade (Giovanini, 2002).

Entre os principais países fornecedores da fauna que alimenta este negócio ao redor do mundo é possível observar uma grande maioria de países subdesenvolvidos, entre os quais: Brasil, Peru, Argentina, Guiana, Venezuela, Paraguai, Bolívia, Colômbia, África do Sul, Zaire, Tanzânia, Kenya, Senegal, Camarões, Madagascar, Índia, Vietnã, Malásia, Indonésia, China e Rússia (Rocha *apud* Giovanini, 2002). Os animais são capturados e exportados a partir destes países e levados para os chamados países de ‘trânsito’ onde são legalizados e podem trocar de mãos antes de serem levados aos “países consumidores”. Os principais países de trânsito da fauna contrabandeada são Portugal, México, Arábia Saudita, Tailândia, Espanha, Grécia, Itália, França e Bélgica (Rocha, *op. cit.*; Giovanini, 2002).

Trabalhos atuais que tratam do tráfico de animais citam a presença de espécies brasileiras em mercados livres em Moscou (<http://www.traffic.org/publications/summaries/wildlifetrade-russia.html>), e em muitos outros países da Europa (Alemanha, Portugal, Holanda, Bélgica, Itália, Suíça, França, Reino Unido e Espanha), Ásia (Singapura, Hong Kong, Japão e Filipinas) e América do Norte (EUA e Canadá). No mercado internacional, a Arara-Azul-de-Lear, por exemplo, pode ser vendida por até US\$60.000,00 (Giovanini, 2002).

A Rússia e a Indonésia também são citadas como importantes centros de ‘trânsito’ deste comércio, sendo que nestes países o comércio de animais nativos coexiste com o de animais contrabandeados de outros países entre os quais o Brasil (<http://www.traffic.org/publications/summaries/wildlifetrade-russia.html>; The Jakarta Post, 31 julho 2001). EUA, Alemanha, Holanda, Bélgica, França, Inglaterra, Suíça, Grécia, Bulgária, Arábia Saudita e Japão são citados como os principais países consumidores da fauna contrabandeada (Hardie, 1987; Rocha, 1995; Le Duc, 1996).

No Brasil o tráfico segue uma rota do Norte para o Sul, sendo os estados das regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste os principais fornecedores de fauna dentro do território nacional, e os estados das regiões mais ricas do Sul e Sudeste do país, os principais consumidores, de onde os animais são exportados para outros países (Jupiara e Anderson, 1991 *apud* Giovanini, 2002) ou desviados para suprir o comércio interno.

Animais vertebrados e invertebrados das mais diversas espécies são contrabandeados em todo o mundo com diferentes propósitos, muitos são utilizados em remédios populares, para uso em artesanatos, e outros são procurados apenas para servirem como animais de estimação. Este último representa a principal utilização das espécies provenientes do Brasil (Giovanini, 2002).

Segundo dados da RENCTAS (1º relatório nacional sobre o tráfico de fauna silvestre - Giovanini, 2002) existem quatro categorias principais de tráfico, divididas de acordo com a finalidade dos animais contrabandeados, são elas: (1)- Tráfico de animais para colecionadores particulares e zoológicos: categoria esta que visa especialmente as espécies endêmicas e mais raras, que alcançam os maiores preços no mercado negro; (2)- Tráfico para fins científicos: Os principais alvos deste tipo de comércio são as espécies que produzem substâncias químicas de interesse médico, como as serpentes e aranhas. No Brasil a jararaca, *Bothrops* spp, é uma das espécies mais procuradas devido a seu veneno. Muitas rãs amazônicas, especialmente do gênero *Dendobates*, também são contrabandeadas para suprir este mercado; (3)- Tráfico de produtos da fauna: Comercializa cascos de tartaruga, peles, artesanato com asas de borboletas, entre outros. Este tipo de comércio foi o responsável pelo grande

declínio das espécies de rinocerontes na África devido ao comércio de seus chifres. Produtos derivados de chifres de rinocerontes, apesar de proibidos são comercializados livremente na China, Hong Kong e Taiwan, sendo que nesses países o comércio ilegal de animais silvestres tem aumentado substancialmente através da internet. Este comércio inclui ainda o marfim extraído de elefantes e hipopótamos, e até mesmo do extinto mamute, usados particularmente na confecção de objetos de joalherias e estatuetas que são encontrados em vários países da Europa, como na Bélgica, por exemplo, em diversas joalherias de Bruxelas, Antuérpia e Gent (Wu, 2007); (4)- Tráfico de animais para petshops: São comercializados animais apreciados como bichos de estimação, é para este fim que são traficados a maioria dos animais no Brasil. Sagüis, jibóias, aves, em especial os psitacídeos, são muito procurados como animais de estimação no Brasil e em outros países. Pagano (2008) inclui ainda as modalidades de tráfico para subsistência, realizado na margem de estradas pela população mais humilde, visando o seu próprio sustento; o tráfico sob encomendas, realizado nas feiras e proximidades, sendo que muitos traficantes possuem depósitos clandestinos e olheiros para escaparem da fiscalização; e tráfico de ovos, uma modalidade que vem se aperfeiçoando e que pode ser muito lucrativa, pois as perdas são menores visto que os ovos eclodirão no local de entrega.

Estima-se que, apenas no Brasil, cerca de 38 milhões de animais sejam retirados da natureza anualmente pelo comércio ilegal (Giovani, 2002). Destes, poucos chegam a ser comercializados, uma vez que muitos espécimes são perdidos entre os que morrem devido aos maus tratos, devido aos ferimentos sofridos durante a captura e ainda existem aqueles que escapam feridos e acabam por morrer na natureza. A taxa de mortalidade neste tipo de comércio é tão alta que Redford (1992) afirma que para cada dez animais capturados, apenas um chega a ser comercializado vivo, já no que se refere ao comércio de produtos animais, para cada produto comercializado três outros animais são mortos.

A América do Sul possui atualmente a mais rica avifauna do planeta, com mais de 2.920 espécies entre residentes e visitantes. Segundo Sick (2001) o Brasil possui mais de 54,1% deste total, mas a lista atualizada das aves ocorrentes em território nacional preparada pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos, em sua quarta edição, informa um total de 1796 espécies de aves existentes em nosso país, valor este que representa 61,51% de todas as aves existentes na América do Sul (<http://www.cbro.org.br/CBRO/listabr.htm>).

Assim sendo, não é de surpreender que a grande maioria dos animais traficados em território nacional seja aves. Segundo dados do IBAMA, as aves representam cerca de 80% dos animais contrabandeados.

A avifauna brasileira, uma das mais ricas do mundo, rivalizando apenas com a Colômbia e Peru (Sick, op. cit.), já há muito desperta admiração de outros países. Durante o período colonial muitas foram as referências de naturalistas europeus às aves nacionais, como por exemplo, os trabalhos realizados por naturalistas e pintores durante o chamado “período mauriciano” da ocupação holandesa no Nordeste brasileiro (Teixeira, 1992). A exploração comercial também não é novidade, pois já no século XVI foi moda entre as senhoras da Europa o uso de chapéus enfeitados com beija flores empalhados e muitos destes animais eram embarcados no litoral baiano (Sick, op. cit.).

É fato que, embora os psitacíformes sejam de grande destaque dentro e fora do território nacional como animais de estimação de grande beleza e apreciados, sobretudo pela sua capacidade de “falar”, a ordem dos passeríformes também está entre as mais procuradas pelos traficantes. Esta ordem, famosa pela sua capacidade de canto, é a mais numerosa, em termos de espécies, dentro da classe das aves. Mais da metade, cerca de 59,1%, de todas as espécies conhecidas de aves pertencem à ordem passeríforme, somando aproximadamente 5739 espécies em todo o mundo (Sick, 2001).

No Brasil, em especial no Nordeste, já se trata de uma atividade tradicional criar pássaros de gaiola. Este hábito já mencionado nos versos do poeta paraibano Augusto dos Anjos (O corupião) (Anjos, 1998), pode ser verificado em praticamente todas as cidades do Brasil, desde os grandes centros urbanos até as pequenas cidades onde é possível ver e ouvir passeríformes em gaiolas sobre balcões de bares, pendurados em mercearias, chaveiros e sapatarias. É muito comum também, em diversos lugares, o costume de se ter gaiolas decorativas vazias ou com falsos pássaros dentro (Sick, 2001).

Estes animais, apreciados pela sua beleza, mas especialmente pelo seu canto, estão presentes nos mais diversos locais e raramente são provenientes de criadouros legalizados. Infelizmente, a tradição popular de criar pássaros não inclui a reprodução em cativeiro dos mesmos, e a maior parte dos admiradores de pássaros sequer conhece a existência destes criadouros, o que acaba por alimentar cada vez mais o comércio ilegal. As portarias nº 117/97 e 102/98 do IBAMA normatizam o funcionamento de criadouros de animais da fauna silvestre exótica com fins econômicos e industriais, regularizando o cadastro de criadouros de espécies da fauna silvestre em território nacional, e já existem vários destes criadouros com fins comerciais, inclusive das espécies mais populares. Porém os altos preços (os exemplares vendidos por criadores são quase sempre mais caros que os retirados da natureza, devido aos custos da criação e a dificuldade de algumas espécies de se reproduzirem em cativeiro), aliados à falta

de informação por parte da população, ainda ameaçam a população silvestre.

Os criadores possuem permissão para comercializar seus exemplares apenas a partir da 2^o geração nascida em cativeiro e todos os seus exemplares devem ser anilhados. Esta, sem dúvidas, é a melhor alternativa para uma utilização sensata e sustentada deste recurso natural, mas infelizmente nem todos os criadores atuam de forma honesta. Existe, não só entre criadores de passeriformes como entre criadores de outros animais e donos de zoológicos, aqueles que compram animais no mercado negro e os “registram” como sendo cria de sua criação, recebendo inclusive anilha (no caso de passeriformes). Isto nos leva a outro problema grave, que é o da ‘lavagem’ de animais silvestres dentro do território brasileiro.

Entre 1992 e 2000 cerca de 263.972 animais silvestres foram apreendidos pelo IBAMA no Brasil, 108.041 só no Nordeste sendo a maioria de aves. Elabras (2003) aponta que as principais cidades envolvidas no tráfico de animais na região Nordeste são: Recife e Petrolina (PE), Itabaiana (SE), Salvador, Feira de Santana e Paulo Afonso (BA), Crato (CE) e Picos (PI). Os animais apreendidos pelo IBAMA são em sua maioria devolvidos à natureza como prevê o artigo 2^o, §6^o da lei de crimes ambientais 3179/99. Entre 1999 e 2000 cerca de 74% de todas as aves apreendidas pelo IBAMA foram re-introduzidas, as demais foram encaminhadas a centros didáticos, institutos de pesquisa e centros de triagem, conforme prevê a Instrução Normativa 179 de 25/07/08 do IBAMA, que define as diretrizes e procedimentos para destinação dos animais da fauna silvestre nativa e exótica apreendidos, resgatados ou entregues espontaneamente às autoridades competentes.

Embora a cidade de João Pessoa ou as demais cidades da Paraíba não estejam incluídas entre as de maior participação no tráfico nacional, o comércio interno de passeriformes na capital deste estado é também merecedor de estudos e cuidados. O que se torna óbvio quando analisamos dados do IBAMA – PB. Apenas durante o primeiro trimestre de 2003 cerca de 392 exemplares, somando-se apenas os pertencentes à ordem passeriforme, foram apreendidos pelos fiscais do IBAMA, sendo muitas das espécies consideradas raras ou vulneráveis, tal quantidade de exemplares, em período tão curto de tempo, sem contar os inúmeros que são comercializados sem serem apreendidos e a grande quantidade dos que morrem antes de serem vendidos, podem dar uma idéia do impacto deste comércio sobre as populações silvestres. Este impacto se agrava ainda mais quando se leva em consideração que praticamente só os exemplares machos são capturados e vendidos por serem mais bonitos ou por cantarem mais que as fêmeas, o que pode levar a um desequilíbrio na população silvestre, fato este particularmente grave em aves onde o

comportamento monogâmico ocorre em tantas espécies (Pough et al., 1999).

O presente estudo visa à obtenção de dados sobre o processo de comercialização de pássaros silvestres em João Pessoa, considerando as formas de captura, de manutenção e venda das espécies, obtidos junto aos “passarinheiros”, e, ao mesmo tempo, a elaboração de um catálogo de reconhecimento visual das espécies comercializadas na capital. Em particular, procurou-se: (a) observar os métodos de captura, manutenção e comercialização dos passeriformes comercializados na cidade de João Pessoa; (b)- estabelecer quais as espécies mais comuns e as mais procuradas por “passarinheiros” e compradores; (c)- estabelecer o perfil das pessoas que trabalham nesta atividade; e (d)- elaborar um catálogo visual e descritivo das espécies mais comercializadas na cidade de João Pessoa.

Material e métodos

A metodologia adotada durante a realização deste trabalho consistiu em visitas aos mercados públicos de João Pessoa, mercados de artesanato e a casa de alguns “passarinheiros”. Foram realizadas entrevistas informais em que se procurou caracterizar o perfil sócio-econômico-cultural das pessoas que se dedicam a este tipo de atividades, e levantar informações sobre idade, sexo, local de nascimento, grau de escolaridade, dados da composição familiar, renda, aspectos econômicos e sociais da atividade e da forma como eles vêem essa atividade. No total foram entrevistadas 10 pessoas que se dedicam à atividade.

A principal base de dados para a pesquisa foi a Feira de Oitizeiro, situada na zona oeste da cidade de João Pessoa, muito embora também tenham sido efetuadas visitas aos mercados públicos dos Bairros Torre e Tambaú e observações em lojas que comercializam animais (Petshops). Também foram efetuadas visitas às casas de alguns criadores e vendedores de aves, com o propósito de se levantar informações acerca das técnicas usadas na captura e na manutenção das espécies.

Todos os passeriformes comercializados nos locais pesquisados foram inventariados, identificando-os ao nível específico, tomando-se como base de dados taxonômicos os trabalhos de Schulz Neto (1995), Roma (2000) e Sick (2001), bem como foram realizadas pesquisas junto à internet. Todas as espécies identificadas foram desenhadas em papel canson e tinta acrílica e para cada uma delas foram fornecidos seus nomes populares e alguns aspectos da sua biologia, comercialização e informações quanto ao fato de se tratar ou não de espécie ameaçada.

Resultados

Foi possível observar que, dentre as feiras e mercados de artesanatos da cidade de João Pessoa, embora não ocorra o comércio de passeriformes propriamente ditos, o comércio de ícones de aves e pássaros é bastante expressivo. Gaiolas decorativas, vazias ou com um pássaro falso, muitas vezes feito com argila ou madeira e coberto de penas de galinha, são muito comuns e muito populares entre os compradores. Os preços destes artigos variam muito, desde R\$5,00 até R\$30,00 ou R\$40,00 nos artigos mais elaborados.

Entre os mercados públicos observou-se que embora muitos feirantes possuam gaiolas com pássaros silvestres (algumas vezes espécies exóticas como os canários belgas também são criados pelos mesmos) dentro de seus estabelecimentos (Figura 1), a venda de pássaros vivos é normalmente feita por algum ‘vendedor ambulante’ que leva seus pássaros e gaiolas para a feira nos dias de maior movimento. Em alguns locais específicos como no mercado público de Oitizeiro, ocorre uma verdadeira ‘feira de pássaros’, possuindo dia e hora marcados. Ocorrendo semanalmente aos domingos pela manhã. Esta feira revelou-se uma das mais populares de João Pessoa, sendo sua realização de conhecimento da população, inclusive daqueles que não negociam passeriformes.



Figura 1- Gaiola em exposição no mercado público de Oitizeiro, pássaros de ‘estimação’ dos feirantes (fotografia Taciana Gama, Junho, 2001).

Da captura

Observou-se que existem, três métodos principais de captura de passeriformes: o visgo, a campeada e a rede.

O método de captura através do visgo consiste, basicamente, de um adesivo feito ou comprado pronto pelo passarinho, que é aplicado sobre um galho para que o pássaro ao pousar fique preso.

Existem, segundo os passarinhos, mais de uma receita de visgo. Sendo que o considerado mais eficiente é o ‘visgo do Maranhão’, como o nome já diz, é trazido do Maranhão e vendido para os comerciantes. Não é muito utilizado por possuir preço muito elevado. Assim sendo os comerciantes locais preferem optar por fazer seu próprio visgo. O mesmo é preparado da seguinte maneira: ‘Leite’ de jaqueira, ‘leite’ de mangaba e casca de caju vermelho (este último é utilizado apenas para mudar a cor da mistura de esbranquiçado, para amarronzado ou avermelhado). O resultado desta mistura é uma massa muito adesiva que, segundo relatos das pessoas que trabalham com ela, é capaz de prender até um falconiforme, se colocada em quantidade sobre o galho.

Esse adesivo é cuidadosamente aplicado sobre galhos finos, previamente descascados pelos passarinhos para que se fixe aos galhos, sendo os pássaros ‘tangidos’ para o local da armadilha. O pássaro preso no visgo se debate e fica cada vez mais preso, pois suas penas acabam coladas no visgo também.

Os caçadores devem ser rápidos para soltar os pássaros, pois se ficarem muito tempo presos podem morrer. Muitas vezes é possível observar nos mercados públicos pássaros sendo comercializados com penas da cauda ou das asas faltando. Estas se perderam na hora de liberá-los do visgo, pois o ‘leite’ vegetal utilizado para a fabricação do mesmo não é solúvel em água, apenas em óleo e mesmo assim é de difícil solubilidade. Estes pássaros com penas faltando muitas estão incapazes de voar e são vendidos a preços menores dos que são praticados normalmente. Alguns passarinhos, talvez pensando nos pássaros ou no preço dos mesmos, juntam à mistura do visgo um quarto componente que, segundo foi dito, altera sua solubilidade e permite que o mesmo seja retirado mais facilmente e sem necessidade do óleo, podendo ser solúvel em água, mas quando argüidos sobre a constituição desse quarto componente simplesmente não responderam, ou afirmaram que compravam o produto já preparado por outra pessoa e, portanto, não tinham ciência do que se tratava.

A campeada é de todos os métodos de captura o mais elaborado. Os campeadores se juntam em geral em grupos de cinco, viajam para o local escolhido para a campeada no veículo de algum dos cinco membros e levam consigo ‘gaiolas de campo’ com ‘pássaros campeadores’. As gaiolas de campo consistem em gaiolas com vários compartimentos,

sendo um central, onde fica o pássaro campeador, e outros (podem ser até seis outros compartimentos) periféricos com alçapões em suas faces externas. Cada compartimento tem um poleiro próprio e um pouco de alpiste.

A gaiola de campo é levada para algum local onde possa ser vista pelos outros pássaros e ali deixada. O pássaro campeador no interior do compartimento central ao ser colocado em um espaço aberto começa a cantar em ‘disparada’ (termo usado pelos passarinhos para se referir ao canto contínuo, ininterrupto). Este canto atrai outros pássaros machos que vêm ‘discutir’ (termo usado pelos passarinhos para se referir ao duelo pelo território) com o campeador que está cantando em seu território, o pássaro recém-chegado procura um poleiro onde possa pousar para iniciar seu dueto e entra em algum compartimento da gaiola de campo.

Esse método é altamente seletivo, pois ao contrário do visgo ou da rede, só captura exemplares machos e adultos, e que ‘gostem de discutir’, característica muito apreciada pelos compradores e criadores, assim os pássaros pegos em campeadas, embora este também seja o método que captura as menores quantidades, são os que alcançam os maiores valores quando comercializados. Pássaros campeadores experientes alcançam valores altíssimos e raramente são negociados, pois constituem a própria fonte de renda de seu dono. Estes pássaros são levados para as campeadas dentro das gaiolas, no interior das malas dos veículos, permanecendo quietos até serem retirados de lá, enquanto os pássaros iniciantes no ofício de campear são levados em gaiolas nos colos de seus donos, pois se deixados na mala ficam inquietos e fazem muito barulho, atraindo atenção indesejada para o veículo e seus ocupantes.

A rede japonesa é basicamente uma rede, semelhantes às redes de pesca que são montadas a certa altura para que os pássaros fiquem emaranhados nelas. Estas redes são encomendadas a pessoas que as tecem, muitas vezes são as mesmas pessoas que também fabricam redes de pesca, ao preço de R\$ 20,00 o metro. São feitas em dois tamanhos de malha (grande e pequeno) dependendo da especificação da pessoa que a encomenda, sendo que a malha grande serve para capturar pássaros do tamanho do corrupião (*Icterus icterus*) e da graúna (*Gnorimopsar chopi*), enquanto a de tamanho pequeno é direcionada para a captura de pássaros como o papa capim e todos os demais representantes do gênero *Sporophila*. As redes possuem medidas que variam de 10m x 2m até 15m x 2 m, são armadas com o auxílio de grandes varas de bambu e deixadas enquanto os pássaros são tangidos na direção em que as mesmas foram montadas. Assim como ocorre com o método do visgo, também na rede os pássaros precisam ser libertados rapidamente ou morrem. Muitos também perdem penas ao ficarem emaranhados na rede e chegam ao mercado com seu valor diminuído.

O método de captura através da rede é sem dúvida, o mais danoso às populações selvagens e ao ambiente, e também é o que apresenta maior taxa de mortalidade. Os pássaros são capturados em grandes quantidades e colocados em ‘ajuntadores’, gaiolas onde se coloca grande quantidade de aves para serem posteriormente separadas por espécie, sexo ou idade, esses ‘ajuntadores’ por vezes ficam tão cheios de pássaros que os mesmos mal têm espaço para se mexer. Em seguida, são colocados dentro da mala de algum automóvel e trazidos para a capital onde são finalmente retirados do ‘ajuntador’ e colocados em algum viveiro ou em uma gaiola mais espaçosa. Como a rede captura pássaros de diversas espécies e de qualquer sexo muitos dos pássaros pegos não têm valor de comércio, mas isto só vai ser constatado pelo passarinho no momento em que este os retira do ‘ajuntador’. Além disto, a esta altura muitos pássaros já morreram ou ainda vão morrer devido aos machucados decorrentes da captura e do transporte.

Os principais locais de captura por sua vez variam de acordo com as espécies procuradas, mas, embora a maioria dos passarinhos não tenha concordado em falar sobre isso, alguns dos locais mais citados foram os municípios paraibanos de Pilar, Mamanguape e Alagoa Grande. Elivan Arantes de Souza, Analista Ambiental do IBAMA/CEMAVE/ICMBio-PB nos informou também que as áreas de captura na região metropolitana de João Pessoa incluem ainda as várzeas dos rios Jaguaribe, Timbó e Cabelo em João Pessoa, Marés e rio do Meio em Bayeux, e Mumbaba e Gramame em Santa Rita.

Da manutenção

Pássaros recém capturados ou adquiridos por outros meios (compra, troca ou presente) são muitas vezes mantidos em casa em viveiros ou gaiolas de propriedade do passarinho para que sejam amansados. Os pássaros ‘de estimação’ do passarinho ficam em gaiolas próprias, mas aqueles cujo destino é serem vendidos ou revendidos ficam provisoriamente alojados em viveiros (Figura 2).

Os pássaros mantidos desta maneira em geral são submetidos ao som ininterrupto do canto típico da própria espécie ou de algum outro pássaro (dependendo se a espécie em questão é capaz de imitar o canto de outros pássaros) gravado em CD ou fita K7, além da presença de um pássaro ‘professor’ que pode ou não ser da mesma espécie dos aprendizes. O pássaro ‘professor’, assim como o ‘campeador’ é muito valioso e raramente o passarinho se desfaz dele, ele deve possuir algumas características particulares como ser manso (não ter medo de pessoas), cantar bem (existem algumas espécies como o curió que possuem mais de um tipo de canto, alguns mais valorizados que os outros, um pássaro professor deve ter um canto valorizado) e cantar durante longos períodos ininterruptos

(chamado de canto em ‘disparada’). Quando já estão cantando bem os pássaros podem ser levados para a feira onde serão vendidos ou trocados.



Figura 2 - Viveiro utilizado para alojar os pássaros a serem comercializados. (fotografia: Taciana Gama, Abril, 2003)

Os cuidados prestados aos pássaros de estimação e aos que serão comercializados pode vir a variar dependendo do passarinho. Segundo nos informaram em casa todos os pássaros são “bem tratados”, especialmente na época da muda, mas existem, contudo, alguns ‘passarinheiros’ que não cuidam bem de seus pássaros (de estimação) e acabam mal vistos pelos outros criadores e comerciantes. Entretanto, não se pode esperar nenhuma ética dos que vivem na contravenção, de maneira que mesmo os que alegaram bom comportamento, também praticam maus tratos com os animais.

Em cativeiro, a alimentação do pássaro depende da espécie, algumas são mais fáceis de manter do que outras, mas em geral as espécies mais populares são alimentadas com alpiste comprado em ‘pets-shop’ e, algumas vezes é possível ver algum pedaço de folha (por vezes alface) ou fruta dentro da gaiola. Além da comida, também deve ser fornecida ao pássaro uma fonte de cálcio, sendo a casca de ovo a mais utilizada para esse fim (Figura 3).



Figura 3 - Azulão em gaiola alimentado com alpiste e casca de ovo como fonte de cálcio (fotografia: Taciana Gama, Abril, 2003).

A época da muda consiste no período em que o pássaro está trocando de plumagem e é o período em que o mesmo encontra-se mais sensível a doenças; existe também a chamada muda de bico, período em geral próximo ao da muda de penas, no qual o bico do pássaro começa a ‘descascar’, e, ainda, a ‘muda de bico interna’, na qual a parte interior do bico do pássaro ‘descasca’, deixando o pássaro ainda mais frágil, é neste período quando o pássaro corre o maior risco de morrer. As pessoas que lidam com estes pássaros dizem que só os inexperientes perdem pássaros desta maneira, os que já conhecem a ‘muda’ sabem como agir para cuidar do mesmo. O principal cuidado é proteger o pássaro durante o período, pode-se cobrir a gaiola com um pano e afastá-lo dos outros pássaros, o importante, contudo, é dar vitaminas ao pássaro para complementar a sua alimentação. Este remédio (Avitrin®, fabricação Coveli) é comprado em lojas de rações e outros artigos para animais, onde também podem ser comprados vermífugos e gaiolas.

Além dos pássaros de ‘estimação’, dos ‘campeadores’ e ‘professores’ que são mantidos pelo passarinho, existem também os passarinhos de briga. Estes são em geral canários da terra (*Sicalis flaveola* Linnaeus, 1766) e os exemplares ‘bons de briga’ podem atingir valores muito altos. Estes pássaros são submetidos a rinhãs de maneira semelhante ao que se faz com galos de briga. Durante estas disputas os donos e a ‘platéia’ apostam no pássaro que sairá vencedor da gaiola, o canário derrotado é o que desiste primeiro e começa a tentar fugir do oponente, nesta altura a luta é interrompida e os donos separam os pássaros, mas em muitas ocasiões eles ficam tão machucados que acabam morrendo, e às vezes as contendidas são feitas até a morte de um dos animais.

Da comercialização

As atividades de venda, revenda e troca de pássaros, movimentam um vasto comércio na cidade de João Pessoa. Além dos pássaros também são comercializadas armadilhas,

gaiolas, bebedouros, comida, além de gravações dos cantos dos pássaros entre outros artigos.

Na feira de pássaros foi possível observar uma grande concentração de pessoas, principalmente durante as primeiras horas da manhã (o número decresce à medida que vai ficando mais tarde) e grandes quantidades de pássaros a serem vendidos, principalmente jovens. Alguns em gaiolas lotadas com mais de 10 outros pássaros, alguns impossibilitados de voar devido a armadilhas de visgo ou rede, e a grande maioria sem bebedouro em suas gaiolas embora, em geral, houvesse comida para os mesmos; observou-se, também, que não há abrigo contra o sol, sendo a feira realizada ao ar livre e tanto pessoas como pássaros acabam ficando expostos ao sol por períodos que podem chegar a até 5 horas seguidas. Conforme alegaram os passarinhos entrevistados, os pássaros capturados podem ser vendidos para intermediários ou levados para viveiros para aprenderem a cantar, mas o processo de comercialização é relativamente complexo, uma vez que pode envolver diversas etapas, conforme representado na Figura 4.

Os pássaros comercializados desta maneira em geral não atingem preços altos, as espécies mais raras e mais caras, como o saíra pintor *Tangara fastuosa*, por exemplo, costumam ser vendidos diretamente para o comprador, sendo muito raramente vistos nas feiras e mercados públicos. Entre estas espécies, muitas vezes ‘encomendadas’ para o passarinho, estão as espécies de sabiá (*Turdus amaurochalinus*, *Turdus rufiventris*), ferreiro (*Salpator maximus*), sangue de boi (*Ramphocelus bresilius*), graúna (*Gnorimopsar chopi*), xexéu (*Cacicus cela*) e saíra pintor (*Tangara fastuosa*), uma espécie endêmica e ameaçada de extinção.



Figura 4 - Esquema simplificado do processo de comercialização de pássaros silvestres nas feiras livres de João Pessoa, conforme apontado pelas pessoas entrevistadas.

Nas feiras é possível encontrar pássaros de várias idades, mas uma grande quantidade é dos chamados pássaros ‘pardos’, nome utilizado pelos passarinhos para se referir aos exemplares que ainda apresentam a plumagem jovem, estes exemplares são em geral mais baratos que os demais representantes da mesma espécie e normalmente são

recém capturados, costumam ser comprados por outros passarinhos que os colocam em viveiros para aprenderem a cantar (os pássaros aprendem mais facilmente nesta fase da vida). Além dos exemplares ‘pardos’, existem os chamados ‘maracajás’ que correspondem ao período em que a plumagem está ‘salpicada’ pois o pássaro está começando a apresentar as cores de adulto. O pássaro com a coloração definitiva é chamado, na maioria dos casos, de ‘preto’, independentemente da sua cor real, mas existem algumas exceções como o canário da terra, e o azulão.

No total foram identificadas 20 espécies de passeriformes sendo comercializados nas feiras livres da cidade de João (Quadro 1), sendo que a espécie *Estrilda astrild* conhecida popularmente como ‘bico de lata’ ou ‘bico de lacre’ (em destaque no quadro com um asterisco), não é verdadeiramente uma espécie nativa do Brasil, e sim introduzida. Mas como sua introdução no território brasileiro se deu há muito tempo, e pelo fato dela ter-se adaptado muito bem ao meio, o IBAMA opta por tratá-la como as demais espécies silvestres, sendo igualmente proibidos a sua captura e comércio.

Quadro 1 - Relação das espécies de passeriformes comercializadas em feiras livres da cidade de João Pessoa.

Nome popular/Nome científico	Preços (pássaro arisco na feira)	Preços (pássaro manso e cantador, em geral não é vendido na feira)
Papa capim/ <i>Sporophila nigricollis</i>	Pardo: R\$ 2,00 Maracajá: R\$ 3,00 Preto: R\$ 4 a 5,00	de R\$50,00 a R\$80,00
Papa capim golado ou coleira/ <i>Sporophila caeruleus</i>	Pardo: R\$ 5,00 Maracajá: R\$ 5,00 Preto: R\$ 10,00	de R\$ 50,00 a R\$ 80,00
Coleira ou golado/ <i>Sporophila albogularis</i>	Pardo: R\$ 2,00 Maracajá: R\$ 2,00 Preto: R\$ 3,00	R\$ 20,00
Bigode/ <i>Sporophila lineola</i>	Pardo: R\$ 3,00 Maracajá: R\$ 5,00 Preto: R\$ 5,00	de R\$40,00 a R\$50,00
Chorão/ <i>Sporophila leucoptera</i>	Pardo: R\$ 7,00 Maracajá: R\$ 10,00 Preto: R\$ 10,00	de R\$150 a R\$200,00
Cabocolinho/ <i>Sporophila bouvreuil</i>	Pardo: R\$ 2,00 Maracajá: R\$ 5,00 Preto: R\$ 5,00	de R\$20,00 a R\$50,00
Curió/ <i>Oryzoborus angolensis</i>	Pardo: R\$ 20,00 Maracajá: R\$ 40,00 Preto: R\$ 50,00	R\$250,00
Vem-vem/ <i>Euphonia chlorotica</i>	Pardo: R\$ 1,00 Maracajá: R\$ 1 a 3,00 Preto: R\$ 3,00	R\$3,00
Gaturamo/ <i>Euphonia violacea</i>	Meia-muda: R\$ 3,00 Amarelo: R\$ 3,00	de R\$10,00 a 15,00
Pitassilva ou Pintassilgo/ <i>Carduelis yarrelli</i>	Pardo: R\$5,00 Maracajá: R\$8,00 Amarelo: R\$8,00	R\$50,00
Verdelinho ou sai azul/ <i>Dacnis cayana</i>	R\$5,00 a R\$10,00	R\$10,00
Azulão/ <i>Passerina brissonii</i>	Pardo: R\$3,00 a R\$5,00 Maracajá: R\$5,00 a R\$10,00 Azul: R\$ 10,00	R\$50,00
Tiziu/ <i>Volatinia jacarina</i>	R\$2,00	R\$2,00
Corrupião ou Concris/ <i>Icterus jamacaii</i>	Pardo: R\$10,00 Maracajá: R\$10,00 Amarelo: R\$10,00 a R\$15,00	de R\$50,00 a R\$80,00
Sanhaça azul e roxo/ <i>Thraupis sp.</i>	Maracajá: R\$3,00 a R\$4,00 Preto: R\$3,00 a R\$4,00	de R\$ 20 a 30,00
Galo de Campina/ <i>Paroaria dominicana</i>	Maracajá: R\$3,00 a R\$5,00 Preto: R\$3,00 a R\$5,00	R\$150,00
Canário da terra/ <i>Sicalis flaveola</i>	Meia-muda: R\$30,00 Amarelo: R\$30,00	de R\$ 100 a 200,00
Guriatã de coqueiro/ <i>Tangara cayana</i>	Pardo: R\$2,00 Maracajá: R\$3,00 Amarelo: R\$3,00	R\$20,00
Bico de lata ou bico de lacre*/ <i>Estrilda astrid</i>	R\$2,00	R\$2,00

Dos ‘passarinheiros’

Foi possível observar que as pessoas envolvidas na atividade de capturar e/ou vender pássaros possuem um grande conhecimento sobre os mesmos, sendo conhecedores de seu canto, sua aparência, sua alimentação e até mesmo, em alguns casos, de aspectos de sua reprodução.

De acordo com dados obtidos através de entrevistas foi possível traçar um perfil dos passarinheiros que atuam na

cidade de João Pessoa, com ênfase para os que freqüentam a feira de ‘Oitizeiro’.

A maioria dos envolvidos neste negócio é constituída por pessoas que possuem outro emprego e vendem pássaros como forma de complementar a renda da casa e da família. Segundo dado obtido através de entrevistas observou-se que os empregos mais comuns são os de pintor, mecânico, pedreiro e motorista e os salários são quase sempre baixos variando entre os R\$250,00 e R\$ 400,00. Durante a semana

os ‘passarinheiros’ permanecem na capital e viajam para cidades próximas do interior do estado durante o fim de semana para comprar ou capturar os pássaros.

Dos entrevistados 100% são homens com idades variando entre 13 e 51 anos, sendo que a maioria possui entre 20 e 29 anos (Figura 5). Cerca de 50% é natural de João Pessoa enquanto o restante, embora more na cidade é natural de cidades do interior do estado (Figura 6), mas nenhum dos entrevistados afirmou ser natural de outros estados. Destes que afirmaram ser naturais de João Pessoa mais de 50% afirmou ter família no interior. No que se refere à escolaridade dos mesmos, nenhum dos entrevistados era analfabeto, muito embora 30% deles não chegaram a terminar o ensino fundamental menor (primário) e a maioria (40%) não tenham terminado o ensino fundamental maior (ginásio), e apenas uma minoria concluiu o ensino fundamental maior (Figura 7). Os passarinheiros normalmente são ‘ensinados’ no ofício por alguém da família, normalmente pai ou irmão mais velho e muito excepcionalmente por algum amigo ou vizinho. No que se refere a família os passarinheiros são em geral casados e a maioria tem filhos, e aqueles que ainda não tem filhos costuma ser devido a pouca idade que apresentam (de todos os entrevistados os únicos que se declararam sem filhos possuíam abaixo de 15 anos).

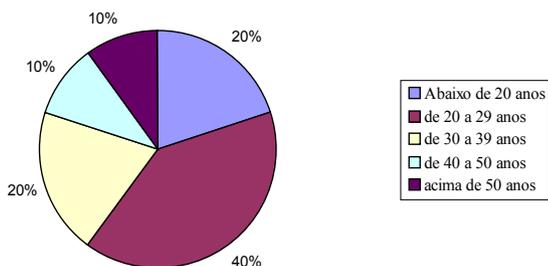


Figura 5 - Distribuição etária dos passarinheiros que atuam no comércio ilegal de pássaros silvestres em feiras livres da cidade de João Pessoa-PB.

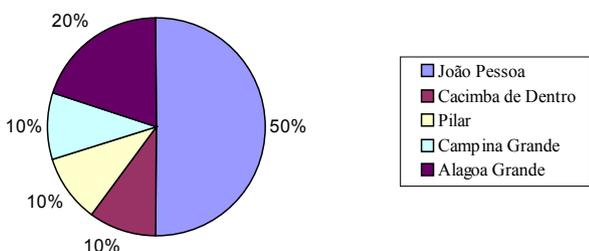


Figura 6 - Principais origens dos passarinheiros que atuam no comércio ilegal de pássaros silvestres em feiras livres da cidade de João Pessoa-PB.

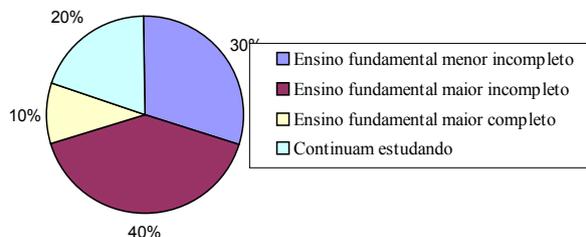


Figura 7 - Níveis de escolaridade dos passarinheiros que atuam no comércio ilegal de pássaros silvestres em feiras livres da cidade de João Pessoa-PB.

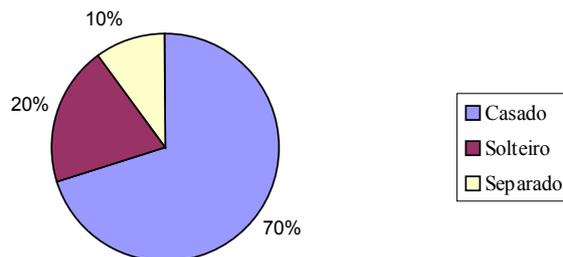


Figura 8 - Estado civil dos passarinheiros que atuam no comércio ilegal de pássaros silvestres em feiras livres da cidade de João Pessoa-PB.

Quando perguntados sobre o local de captura dos pássaros, a maioria preferiu não responder a pergunta, mas alguns mencionaram Mamanguape, Pilar e Alagoa Grande como bons locais de captura. No que se refere ao IBAMA e a fiscalização do mesmo sobre o comércio de pássaros a maioria dos passarinheiros reclamou já ter sido ‘vítima’ da fiscalização e ter tido seus passarinheiros apreendidos pelo IBAMA, mas quando perguntados sobre proibição do comércio em si, muitos disseram acreditar que a mesma se deve aos maus tratos infligidos por alguns passarinheiros aos animais (em geral aqueles que utilizam a ‘rede japonesa’ são os mais criticados pelos outros). *“Agente é contra acabá com a feira mas aqueles que maltratasse devia levá uma regulagem boa”* ou *“Não devia ser totalmente proibido, mas devia chegar a um acordo pra não levar os passarinhos pra feira naquela situação”*

Alguns até são mais radicais e afirmam que ‘acham é bom’ quando algum vendedor está ‘judiando’ dos passarinheiros e o IBAMA aparece e toma os animais. Alguns afirmaram já terem pessoalmente telefonado para o IBAMA, denunciando o colega. Pode-se ver por este exemplo o tipo de relacionamento que alguns passarinheiros chegam a ter com os pássaros. É correto afirmar que eles gostam verdadeiramente de seus pássaros, tendo quase sempre um exemplar de estimação além daqueles que comercializam. Afirmam que quando querem que alguém, geralmente algum familiar mais novo, comece a negociar com pássaros o presenteiam com um pássaro de estimação. Um disse: *“Agente dá um passarinho pra ele criá, pra ele começar a gostar”*.

Seu gosto pelos pássaros é tanto que parece haver certo atrito (ou uma rixa) contra aqueles que utilizam a rede japonesa como principal meio de captura. Campeadores ao se juntarem para viajar para o interior recusam-se prontamente a levar consigo passarinhos que utilizem rede, mesmo que estes ofereçam o transporte (no caso o carro). Alguns afirmaram: “Eles acabam com os passarinhos”

Dos pássaros

No que diz respeito às espécies mais comuns nas feiras de aves observou-se uma grande predominância e uma certa preferência pelos representantes da família Emberezidae (Figura 9), em especial do gênero *Sporophila* (Figura 10). Estas espécies, apreciadas pelo seu canto, mas também por serem de mais fácil manutenção em cativeiro constituem as espécies mais procuradas e, conseqüentemente, as mais capturadas atualmente no estado da Paraíba. Sua preferência é tanta que alguns passarinhos trabalham exclusivamente com os representantes do gênero *Sporophila*. São chamados de passarinhos que ‘comem-duro’ porque se alimentam de grãos secos o que torna mais fácil e mais barato para o criador mantê-los (podem ser alimentados com alpiste) e porque, como conseqüência de sua alimentação, suas fezes são mais secas e mais fáceis de limpar que as dos passarinhos que ‘comem-mole’ como os representantes do gênero *Tangara*. Estes últimos, além de serem mais difíceis de manter (precisam de uma alimentação mais variada, sujam muito a gaiola) costumam adoecer mais facilmente devido, talvez, a alimentação não balanceada ou ao acúmulo de sujeira na gaiola, caso o criador não seja muito cuidadoso.

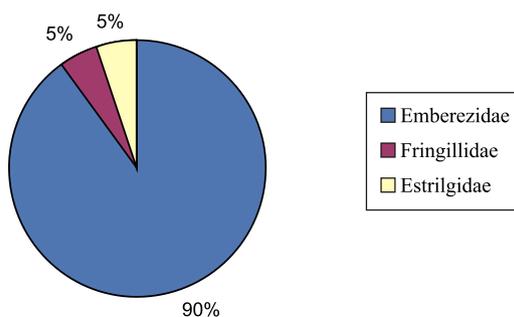


Figura 9 - Participação da família Emberezidae entre as espécies comercializadas na cidade de João Pessoa-PB

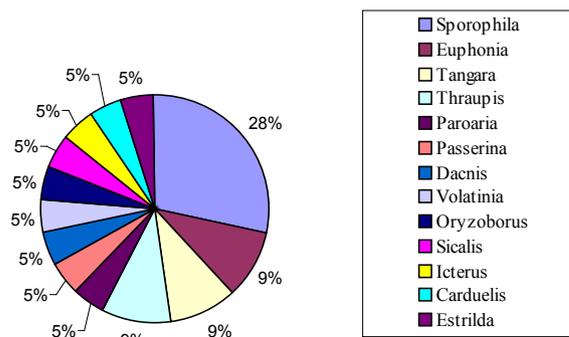
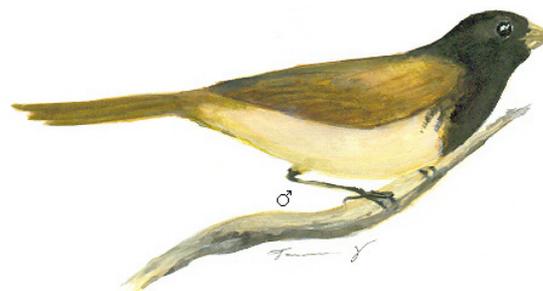


Figura 10 - Participação do gênero *Sporophila* entre as espécies comercializadas na cidade de João Pessoa-PB.

Desenhos, detalhes taxonômicos e informações quanto à ecologia das espécies de pássaros silvestres identificadas como sendo comercializadas ilegalmente em feiras livres de João Pessoa, estão inclusos no Atlas Visual preparado, que é apresentado a seguir.

Atlas visual das espécies identificadas



Papa capim

Sporophila nigricollis

É atualmente o preferido dos passarinhos de João Pessoa. Apreciado pelo seu canto e relativa facilidade de manutenção. Trata-se de uma ave pequena, com cerca de 11 cm de comprimento. Vive em pares durante o período reprodutivo e em bandos juntamente com outras espécies, durante o resto do ano. (Roma, 2000). A fêmea põe 2 ou 3 ovos por vez, sendo que os passarinhos afirmam que o mais comum é que a mesma ponha apenas 2 ovos. Em algumas regiões vive juntamente e pode cruzar com *Sporophila caeruleascens* (Sick, 2001). É considerado como espécie ameaçada pelo CEMAVE.



Papa capim golado ou coleira

Sporophila caerulescens (Vieillot, 1817)

Mais conhecido como coleira no resto do país, em João Pessoa recebe a alcunha de papa capim golado ou simplesmente golado. Possui muitas semelhanças com o papa capim no que se refere ao canto e a facilidade de manutenção. Também é uma espécie pequena, não ultrapassando os 11cm e que se alimenta preferencialmente de sementes de capim, sendo mais facilmente encontrado em planícies com gramíneas, algumas vezes junto com o tiziu (Frisch, 1964). É uma das espécies mais amplamente criadas por criadores legalizados no país. E alguns ornitólogos o enquadram entre os cinco melhores pássaros canoros brasileiros (Revista Cães e Cia, Julho de 2003). Na cidade de João Pessoa a maioria dos passarinhos garante que este pássaro é trazido de fora do estado para ser vendido aqui, por sua vez Sick (2001) afirma que a espécie “parece não ocorrer no Nordeste, região dominada por *Sporophila albogularis*”, mas a espécie é citada como ocorrendo em todo o estado da Paraíba segundo Schulz Neto (1995). É considerada uma espécie comum.



Coleira ou golado

Sporophila albogularis

Chamado de coleira pelos passarinhos de João Pessoa, é por vezes citado com o nome de golado. Seus principais

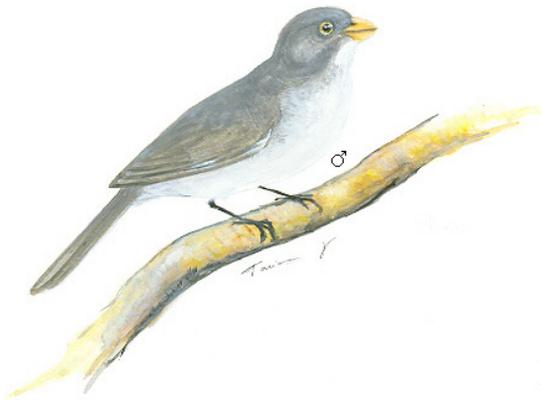
atrativos são o canto e a aparência, possui a capacidade de aprender cantos de outras espécies (Sick, 2001). É um pássaro pequeno, 10,5 cm de comprimento, que pode ser encontrado em bandos juntamente com outras espécies fora do período reprodutivo, quando voa aos pares (Roma, 2000). Consiste em uma espécie que habita principalmente o Nordeste do Brasil mas também pode ser encontrado no Norte dos estados de Minas gerais e Espírito santo (Sick, 2001). Muitos passarinhos afirmaram que têm sido mais difícil encontra-lo na natureza ultimamente. O CEMAVE a considera uma espécie ameaçada



Bigode

Sporophila lineola

Outra espécie muito apreciada, o bigode ou bigodinho não possui um canto muito valorizado pelos passarinhos mas ainda é procurado pela sua aparência e facilidade de manutenção. Trata-se de uma espécie territorialista e que ainda não possui uma criação legalizada expressiva no Brasil (Revista Cães & Cia, Novembro de 2002). Possui por volta de 11 cm de comprimento e é apreciado como ‘passarinho de gaiola’ especialmente por ser muito ativo. Vive em pares durante a época de reprodução e em bandos durante o resto do ano, gosta de ficar próximo a corpos d’água (Roma, 2000). É considerada espécie comum mas muitos ‘passarinhos’ afirmaram que está se tornando mais raro.



Chorão

Sporophila leucoptera

Um pouco maior que os demais membros do gênero *Sporophila*, com cerca de 12,5 cm de comprimento é uma das espécies mais procuradas nas feiras livres de João Pessoa atualmente. Ao contrário dos demais *Sporophila* ele normalmente vive sozinho ou em pares durante todo o ano e não costuma se associar a outras espécies (Roma, 2000). A fêmea põe em média 2 ovos na época de reprodução segundo afirmações dos ‘passarinheiros’ que também garantem que os ovos são sempre um macho e uma fêmea, embora não haja confirmação para este fato. É considerada uma espécie comum.



Cabocolinho

Sporophila bouvreui (Müller)

Possui cerca de 10cm de comprimento e é uma das espécies mais procuradas pelos compradores além de

ser uma das que mais freqüentemente se avistadas nas feiras livres de João Pessoa. Seu canto é muito apreciado e, assim como os demais *Sporophila* é de fácil manutenção e alimentação. Podem ser encontrados, fora do período reprodutivo, formando bandos grandes com várias outras espécies (Roma, 2000), principalmente outros *Sporophila* (Zenaide, 1953) o que o torna uma presa muito procurada pelos ‘passarinheiros’ que utilizam a rede japonesa como meio de captura. O CEMAVE a considera uma espécie ameaçada.



Curió

Oryzoborus angolensis (Linnaeus, 1766)

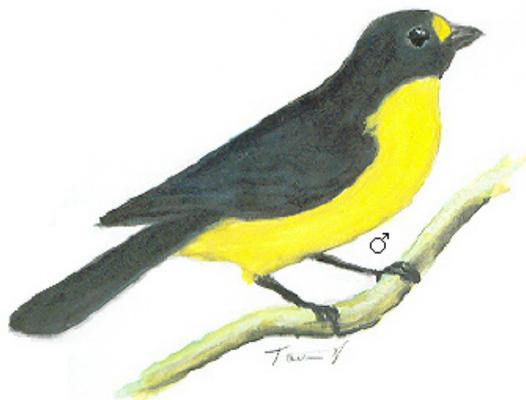
Esta espécie é especialmente apreciada pelo seu canto, considerado excelente. Exemplares ‘bons’ de canto atingem preços altíssimos dentro do comércio legalizado, chegando até os milhares de reais (Revista Cães & Cia, Janeiro de 2003). No comércio ilegal seus preços também são altos e, entre os ‘passarinheiros’ de João Pessoa é considerada a espécie de melhor canto. Os ornitólogos o consideram um dos cinco melhores pássaros canoros brasileiros (Revista Cães & Cia, Janeiro de 2003). Esta espécie é a grande estrela dos concursos de canto realizados no país e que movimenta um grande comércio de reprodutores e gravações de cantos, contando inclusive com vários clubes nacionais de criadores e admiradores da espécie. (Sick, 2001). Possui cerca de 13cm de comprimento e costuma viver isolado de outras espécies podendo se juntar a grupos de *Sporophila* em algumas ocasiões (Roma, 2000). É uma espécie considerada comum, mas os ‘passarinheiros’ afirmam que está difícil encontrá-la na natureza.



Vem-vem

Euphonia chlorotica (Linnaeus, 1776)

Espécie de pequeno porte, cerca de 9,5cm sendo que algumas populações não passam dos 9cm (Sick, 2001), muito semelhante ao gaturamo e apreciada sobretudo pela beleza, embora também cante mas seu canto não é muito apreciado. Vive os pares ou em pequenos bandos, algumas vezes junto com outras espécies (Roma, 2000) o que o torna uma presa potencial de armadilhas de rede. Na Paraíba é mais comum na região do brejo (Zenaide, 1953). Os passarinhos afirmam que a fêmea põe cerca de 2 ovos por vez. É considerada uma espécie comum.



Gaturamo

Euphonia violácea (Linnaeus, 1758)

É, juntamente com o 'vem-vem', a espécie mais popular do gênero *Euphonia* (Sick, 2001). Possui cerca de 12cm de comprimento e seu canto é considerado muito melodioso, o melhor entre todos os representantes do gênero *Euphonia* (Santos, 1985), além de ter a capacidade de aprender o canto de outras espécies. Vive em pares ou em pequenos grupos

mas também pode se juntar a bandos mistos, se alimenta de pequenas frutas (Roma, 2000). Quando em cativeiro pode se tornar muito manso (Zenaide, 1953) É muito mais freqüente nas feiras de pássaros que o 'vem-vem'. É considerada uma espécie comum.



Pitassilva ou Pintassilgo

Carduelis yarrelli

Pássaros de boa aparência e considerados bons de canto os pintassilgos ou 'pitassilvas', como são chamados nas feiras de João Pessoa, são bastante procurados. São considerados mansos e, por isso, fáceis de manter. Atualmente existem alguns criadouros legalizados da espécie embora ainda não sejam muito comuns (Revista Cães & Cia, maio de 2003). Possui cerca de 10,5cm de comprimento e habita principalmente mas também ocorre em algumas regiões da Venezuela (Sick, 2001) o Nordeste. A espécie é considerada vulnerável pelo IBAMA.



Verdelinho ou saí azul

Dacnis cayana (Linnaeus, 1766)

Passarinho de grande beleza não é muito bom de canto, mas mesmo assim é bastante popular como ‘pássaro de gaiola’. Nesta espécie tantos machos como fêmeas são comercializados, embora os machos sejam mais procurados. Possui aproximadamente 13cm de comprimento e se alimenta principalmente de frutas e néctar (Roma, 2000), sendo por isso mais difícil de manter em cativeiro. O alimento mais ‘molhado’ resulta em fezes mais moles que dificultam a limpeza da gaiola e favorecem a proliferação de fungos e bactérias que podem deixar o pássaro doente. Costuma viver em bandos mistos com pássaros dos gêneros *Tangara* e *Cyanerpes*. A espécie é considerada comum.



Azulão

Passerina brissonii

Muito bonito, o azulão é uma das espécies mais vistas nas feiras de aves e também uma das mais populares. Embora Zenaide (1954) o cite como cantor medíocre os passarinhos foram unânimes ao declarar o azulão como bom de canto. Possui cerca de 15,5cm de comprimento e é bastante conhecido em todo o Brasil devido a sua popularidade como pássaro de gaiola (Sick, 2001). Atualmente já conta com uma boa quantidade de criadores

legalizados e clubes em território nacional (Revista Cães & Cia, Setembro de 2002). É considerada uma espécie comum.



Tiziu

Volatinia jacarina (Linnaeus, 1766)

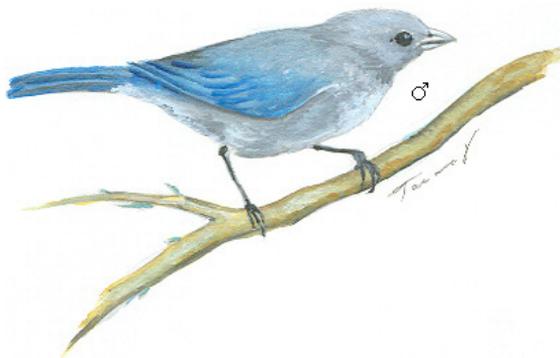
Com cerca de 11,4cm de comprimento, possui plumagem preto brilhante uniforme com a região inferior das asas brancas (Sick, 2001). É uma das espécies que mantém certa popularidade apesar de não estar entre as preferidas atualmente. Seu canto lembra o som de seu nome ‘tiziu’ e, em liberdade, costuma pular enquanto canta exibindo a parte branca da asa. Muitas vezes é capturado em armadilhas de rede, pois, fora do período reprodutivo costuma voar em grandes bandos, que podem ter dezenas de indivíduos. A fêmea põe de 1 a 3 ovos por vez (Roma, 2000) mas os passarinhos consultados afirmam que normalmente a fêmea põe 2 ovos. A espécie é considerada comum.



Corrupião ou congris

Icterus Jamacaii

Pássaro de grande porte, até 23cm de comprimento. Seu canto é valorizado e são conhecidos por assoviar bem e imitar outras espécies, alguns exemplares chegam a aprender músicas inteiras como o hino nacional. Se criado em cativeiro desde filhote fica muito manso, podendo ser manuseado pelos criadores (Sick, 2001). Sua criação legalizada ainda é muito pouco expressiva (Revista Cães & Cia, Janeiro de 2003). Embora seja uma espécie muito popular, não é tão procurado como os pássaros do gênero *Sporophila* pois, segundo os ‘passarinheiros’ adoece facilmente, devido a alimentação, esta é uma espécie que se alimenta principalmente de frutas, mas que também come insetos e que por isso necessita de uma fonte de proteína animal quando mantida em cativeiro (Santos, 1985). O CEMAVE a considera uma espécie ameaçada.



Sanhaçu azul e roxo

Thraupis sp.

Embora o gênero *Thraupis* inclua nove espécies nacionais (Revista Cães & Cia, Julho de 2003), apenas as espécies popularmente conhecidas como sanhaçu azul e roxo são valorizadas pelos ‘passarinheiros’ de João Pessoa, algumas vezes outras espécies de sanhaçus podem ser observadas a

venda nos mercados mas são em geral pássaros pegos por engano (‘arapucas’ colocadas para outras espécies podem pegar sanhaçus, uma vez que os mesmos são muito comuns mesmo dentro da cidade, ou podem ser pegos juntamente com outros pássaros em armadilhas de rede) e que são vendidos a baixos preços. Alimentam-se preferencialmente de frutas e atingem cerca de 17cm de comprimento (Revista Cães & Cia, Julho de 2003.). É dito pelos criadores que a plumagem do sanhaçu azul ganha uma tonalidade cada vez mais viva quanto mais tempo o pássaro passar em cativeiro. São mais apreciados pela aparência que pelo canto. Todas as espécies do gênero *Thraupis* são consideradas comuns na Paraíba.



Galo de Campina

Paroaria dominicana

Esta é uma das espécies mais facilmente reconhecidas pelos frequentadores das feiras da capital, também conhecido como cardeal do Nordeste, o galo de campina atinge cerca de 17cm de comprimento e embora seja muito popular, atualmente, ao contrário do que se poderia imaginar, não está entre as espécies mais procuradas. Normalmente é capturado e comercializado pelos passarinheiros mais velhos enquanto que os mais jovens preferem os *Sporophila*. É uma espécie tipicamente nordestina, mas também pode ocorrer em Minas Gerais e, alguns espécimes escapados de gaiolas chegam a se reproduzir em liberdade em novos ambientes com o Rio de Janeiro (Sick, 2001). A espécie é considerada comum.



Canário da terra

Sicalis flaveola (Linnaeus, 1766)

Possuidor de uma bela plumagem e de um canto valorizado, o canário da terra também é utilizado como 'pássaro de briga'. De maneira diferente da maioria das outras espécies de pássaros comercializados na cidade de João Pessoa que põe em média 2 ovos, os canários da terra chegam a por até 5 ovos e algumas vezes os filhotes são retirados do ninho e levados para serem criados (informação dos passarinhoiros). Possui cerca de 13,5cm e pode ser encontrado em grandes bandos formados principalmente por exemplares jovens (Sick, 2001). É considerada uma espécie comum.



Guriatã de coqueiro

Tangara cayana (Linnaeus, 1766)

Embora não seja muito valorizado é bastante encontrado devido a facilidade de ser capturado, uma vez que habita o território de João Pessoa podendo ser facilmente avistado perto de árvores fruteiras, geralmente aos casais (informação dos passarinhoiros). Possui uma bela aparência, mas devido a sua alimentação, sobretudo de frutas adoece mais facilmente que as outras espécies quando mantido em cativeiro. Possui aproximadamente 14 cm (Sick, 2001) e é considerada uma espécie comum.



Bico de lata ou bico de lacre*

Estrilda astrid (Linnaeus, 1758)

Esta espécie introduzida, embora não seja das mais populares é apreciada pela sua aparência diferente e por se tornar bastante mansa em cativeiro, podendo pousar na mão do dono para cantar (informação dos passarinhoiros). Este pássaro foi trazido da África para o Brasil para servir de pássaro de estimação durante o reinado de D. Pedro I, exemplares que escaparam de suas gaiolas acabaram por se adaptar bem e se reproduzir no Brasil. Vive em bandos pequenos e se alimenta principalmente de sementes de gramíneas africanas que também foram introduzidas no país. Possui cerca de 10,5cm (Roma, 2000).

Discussão

A prática da comercialização de pássaros silvestres na cidade de João Pessoa, especialmente em feiras livres, já está solidamente arraigada na cultura local e não parece ser fácil estabelecer alternativas para o ordenamento dessa atividade, porque qualquer mudança no tocante à conservação da biodiversidade implica primeiramente em mudança comportamental de atitude, não bastando apenas informação para que resultados suficientes sejam alcançados.

A criação de animais silvestres em cativeiro é um costume antigo que muitas pessoas da cidade incorporaram à sua vida cotidiana provavelmente trazida da zona rural para a urbe e que hoje apresenta um vínculo psicológico muito forte entre pessoas que a desenvolvem, sendo, portanto, muito difícil obter sucesso em mudanças comportamentais.

Esta tradição relacionada com a criação e a venda de pássaros silvestres transcende a mera prática comercial. As pessoas que capturam, criam e vendem pássaros tem na atividade também uma satisfação pessoal. Independente

de seu nível de instrução e apesar do pouco ganho, o passarinho dificilmente interrompe a atividade, e normalmente continua se dedicando tanto à captura como a criação por toda a vida, mesmo quando já não comercializa mais os pássaros. Uma vez contraventores sempre contraventores, seja por prazer ou fins lucrativos, um fato importante que precisa ser levado em conta em ações de combate ao tráfico ilegal de animais silvestres.

Embora esta prática seja desenvolvida preferencialmente por homens de 20 a 30 anos, casados e com filhos como complemento a renda familiar ela não produz grandes lucros. Mesmo assim, o número de pessoas que se dedica a esta atividade parece ser bem grande, a notar pela excessiva concentração de pessoas que circulam entre os vendedores na feira livre de Oitizeiro. Assim, o simples ‘costume’ e ‘gosto’ de criar pássaros e negociar com pássaros parecem estar entre as razões mais evidentes que alimentam o comércio ilegal de aves na capital do Estado.

Essa tradição, conforme comprovado nesta pesquisa, também pode ser encontrada em representações artísticas e populares no Brasil, incluindo a música nordestina como nos versos de Luiz Gonzaga (Açum-preto), a poesia de Augusto dos Anjos (O Corrupto), crônicas como a de Rubens Braga (Ele se chama Pirapora) e filmes (como Lisbela e o Prisioneiro), além de pinturas e gravuras diversas.

Estes pássaros tão bem representados na cultura nacional são, em sua maioria, pertencentes a espécies de grande porte, como as pertencentes aos gêneros *Icterus* e *Paroaria*, que, embora sejam das mais conhecidas não se encontram entre as mais procuradas nas feiras livres atualmente. É fato que a grande maioria dos pássaros comercializada ilegalmente é pertencente à família Emberezidae, sendo os mais procurados representantes do gênero *Sporophila*. Este gênero parece ser o preferido dos ‘passarinheiros’ mais novos, enquanto que os mais velhos preferem espécies maiores e mais vistosas como o corrupto e o galo de campina. Esta distinção observada nos mercados de João Pessoa parece sugerir um certo modismo de época para as espécies comercializadas. Algumas espécies já devem ter desfrutado de uma maior popularidade no passado e à medida que seu preço aumentava nas feiras, devido ao fato da espécie estar se tornando mais escassa na natureza, é provável que ela tenha dado lugar a novos ‘favoritos’.

O impacto da exploração vem se tornando cada vez mais evidente, particularmente sobre os *Sporophila*. Mesmo com muitas espécies consideradas comuns pelos órgãos responsáveis, muitos passarinhos afirmam que tem sido cada vez mais difícil encontrá-las e capturá-las na natureza. Costa (2005) e Rocha (2006) também destacam que espécimes deste gênero predominam no tráfico de aves silvestre, respectivamente nos estados da Paraíba e do Ceará.

Além de todas as implicações sociais e ecológicas já mencionadas o comércio ilegal de aves silvestres pode acarretar ainda outras complicações. A exemplo do que aconteceu com *Estrilda astrid* que foi trazido para o Brasil em gaiolas e que, tendo escapado conseguiu se adaptar e procriar em território nacional, parece haver ocorrido fenômeno semelhante com *Paroaria dominicana* dentro do território nacional (Sick, 2001). Segundo o autor, exemplares que escaparam do cativeiro se reproduziram em liberdade na região do Rio de Janeiro, onde esta espécie não ocorria originalmente.

O retorno de animais cativos à natureza em locais onde os mesmos são exóticos é certamente preocupante, pois pode implicar na extinção de espécies locais devido à competição; transmissão de doenças para populações silvestres e para pessoas, além de parasitos.

Além disso, quando a espécie é mantida em cativeiro, ocorrem mudanças de hábito alimentar com conseqüências ao metabolismo digestivo de compostos como proteínas e carboidratos, devido à alteração em enzimas como a lipase e a amilase, conforme já foi comprovado em canários por Harper & Turner (2000), que seguramente sempre acarreta riscos à saúde dos animais.

Outro fato importante a considerar é a possibilidade de transmissão de doenças entre os animais em cativeiro e para as pessoas que convivem com eles. Em pássaros, muitas espécies silvestres podem ser portadoras de *Toxoplasma gondii* (Dubey, 2002) e também há dados evidenciando que pássaros podem transmitir salmonelose para pessoas (<http://www.cdc.gov/healthypets/diseases/salmonellosis.htm>). Um estudo recentemente efetuado pela Fundação Oswaldo Cruz, também constatou que tartarugas de água doce, muito apreciadas como animais de estimação, e que também sofrem a pressão do contrabando, podem transmitir para as pessoas bactérias do gênero *Salmonella*, sendo que, em alguns casos, pode até causar meningite (Revista Cães & Cia, Agosto de 2003).

Ainda, a época da muda consiste no período em que o pássaro está trocando de plumagem e é o período em que o mesmo encontra-se mais sensível a doenças; existe também a chamada muda de bico, período em geral próximo ao da muda de penas, no qual o bico do pássaro começa a ‘descascar’, e, ainda, a ‘muda de bico interna’, na qual a parte interior do bico do pássaro ‘descasca’, deixando o pássaro ainda mais frágil, é neste período quando o pássaro corre o maior risco de morrer. Ressalta-se, entretanto, que a muda em cativeiro pode ser danosa à espécie por causa da dieta que é pobre, visto que na natureza os espécimes têm mais alternativas de alimentos que lhes possibilita desenvolver mais anticorpos contra enfermidades.

Um total de 20 espécies de passeriformes foi identificado sendo comercializados ilegalmente nas feiras livres de João Pessoa, dos quais a maioria pertence à família Emberezidae

e em especial ao gênero *Sporophila*. Do total de espécies silvestres comercializadas, quatro encontram-se na lista de espécies ameaçadas e uma é considerada vulnerável. A maioria das pessoas que atuam neste tipo de comércio são homens, casados e com filhos, com baixo grau de escolaridade, que vendem pássaros silvestres como complemento à renda familiar. Embora a maioria das espécies comercializadas seja considerada comum pelos órgãos responsáveis, parece haver um consenso entre os passarinhos entrevistados de que essas aves estão ficando mais difíceis de serem encontradas na natureza, e capturadas, o que nos leva a sugerir que uma forte pressão vem ocorrendo sobre as populações silvestres.

Referências

- ANJOS, A. 1998. Eu e outras poesias. São Paulo: Martins Fontes.
- DUBEY, J.P. 2002. A review of toxoplasmosis in wild birds. *Veterinary Parasitology* 106:121-153
- FRISCH, S. 1964. Aves brasileiras. São Paulo: Irmãos Vitale.
- COSTA, R.G.A. 2005. Comércio ilegal de aves silvestres em Fortaleza, Ceará. *Revista Atualidades Ornitológicas* 125:3.
- GIOVANINI, D. 2002. 1º Relatório nacional sobre o tráfico de fauna silvestre. Brasília: http://www.renctas.org.br/files/REL_RENCTAS_pt_final.pdf. RENCTAS. 108p (acessado em 09/08/2008).
- HARDIE, L. C. 1987. Wildlife trade education kit. WWW/TRAFFIC (USA) Washington, p. 132
- HARPER E.J. & TURNER, C.L. 2000. Nutrition and energetics of the canary (*Serinus canarius*). *Comparative Biochemistry and Physiology. Part. B* 126:271-281.
- <http://www.cdc.gov/healthypets/diseases/salmonellosis.htm> (acessado em 08/08/2008)
- <http://www.cbro.org.br/CBRO/listabr.htm> (acessado em 12/08/2008).
- <http://www.traffic.org/publications/summaries/wildlifetrade-russia.html> (acessado 08/08/2008).
- INÍGO-ELIAS, E. E., ROSENBERG, K. V. & WELLS, J. V. 2002. The danger of beauty. *Birdscope*. Vol 16 nº3. Disponível: http://www.birds.cornell.edu/Publications/Birdscope/Summer2002/Danger_beauty.html (acessado em 09/08/2008).
- LE DUC, J. P. 1996. Trafficking in animals and plants: a lucrative form of crime. *International criminal police ICPO* 458/459:19-31.
- LOPES, J.C. 2000. O Tráfico Ilegal de Animais Silvestres no Brasil. Disponível: <http://www.jardimdeflores.com.br> (Acessado em 20/08/2008).
- POUGH, F. H.; HEISER, J. B. & MCFARLAND, W. N. 1999. A vida dos vertebrados, 2º edição. São Paulo: Editora Atheneu.
- REDFORD, F.M. 1992. The empty Forest. *Bioscience* 42(6):412-422.
- Azulão, Revista Cães & Cia., n.280. São Paulo: Forix, Setembro/2002 p.39
- Bico de Lacre, Revista Cães & Cia., n.280. São Paulo: Forix, Setembro/2002 p.41
- Bigodinho, Revista Cães & Cia., n.282. São Paulo: Forix, Novembro/2002 p.39.
- Cardeais e Coleirinhas, Revista Cães & Cia, n. 283. São Paulo: Forix, Dezembro/2002 p.32-34.
- Corrupção e Curió, Revista Cães & Cia., n. 284. São Paulo: Forix, Janeiro/2003 p. 32-34.
- Pintassilgos, Revista Cães & Cia., n. 288. São Paulo: Forix, Maio/2003 p.39.
- Sanhaços, Revista Cães & Cia., n. 290. São Paulo: Forix, Julho/2003 p.39.
- PAGANO, I.S.A. 2008. Aves depositadas no Centro de Traigem de aAnimais Silvestres do IBAM na Paraíba: Uma amostra do tráfico de aves silvestres no estado. Monografia de Graduação. São Paulo: Universidade Federal da Paraíba, 52p.
- Perigo no Terrário, Revista Cães & Cia., nº292. São Paulo: Forix, Setembro/2003 p.6.
- ROCHA, F.M. 1995. Tráfico de Animais Silvestres. WWF, TRAFFIC. Documento para discussão, WWF. Brasília.
- ROCHA, M.S.P., Cavalcanti, P.C.M, Sousa, R.L. & Alves, R.R.N. 2006. Aspectos da comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil. *Revista de Biologia e Ciências da Terra* 6 (2):204-221.
- ROMA, J. C. 2000. Classificação Científica dos Pássaros. In: Brasil 500 Pássaros. Eletronorte-Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A (org.). Eletronorte/Eletróbrás/Ministério das Minas e Energia/Governo Federal. Brasília: Assessoria de Comunicação Empresarial da Eletronorte 250p
- SANTOS, E. 1985. Coleção zoológica brasileira: Pássaros do Brasil: Vida e costumes, 5º edição. Belo Horizonte: Editora Itatiaia

SCHULZ NETO, A. 1995. Lista das aves da Paraíba. João Pessoa: Superintendência do IBAMA no estado da Paraíba

SICK, H. 2001. Ornitologia brasileira, 3^o edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira

TEIXEIRA, D. M. 1992. As fontes do paraíso: um ensaio sobre a ornitologia no Brasil holandês. Revista Nordestina de Zoologia 7(1/2):1-149.

The Jakarta Post, 31 julho 2001. Jakarta beckons as a center for illegal wildlife trade

WU, J. 2007. World Without Borders: Wildlife Trade on the Chinese-language Internet. Traffic Bulletin 21(2): 275-284

ZENAIDE, H. 1953. Aves da Paraíba. João Pessoa: Editora Teone.

Artigo recebido: 12/5/08

Artigo aceito: 8/8/08